

Percepção do impacto da pandemia do Covid-19 nas comunidades pesqueiras monitoradas pelo PROPESCA no Tocantins e no Pará.

Número de entrevistas – 98

Sim, a pandemia afetou muito a pesca – 54%

O projeto Monitoramento e Gestão Participativa da Pesca Artesanal, como Instrumento de Desenvolvimento Sustentável em Comunidades da Região Amazônica (TO/PA/RR) - PROPESCA, vem acompanhando os desembarques da pesca artesanal na região do Bico do Papagaio. São nove municípios, sendo cinco no Tocantins (Araguatins, Araguacema, Esperantina, Couto Magalhães e Xambioá) e quatro no Pará (Marabá, São Geraldo do Araguaia, São João do Araguaia e Itupiranga).

O projeto é uma iniciativa da Embrapa, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa) e da Cooperativa de Trabalho, Prestação de Serviços, Assistência Técnica e Extensão Rural (Coopter), iniciado em 2019 e com término previsto para 2020.

Vale lembrar que o PROPESCA está cadastrado no Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético e do Conhecimento Tradicional Associado-SISGEN (Lei nº 13.123/2015) com o número de registro A79139B.

É sabido que as comunidades pesqueiras artesanais são grupos sociais em situação de vulnerabilidade, devido principalmente à baixa infraestrutura disponível, como o acesso aos serviços básicos de saúde, educação e saneamento. Com a crise gerada pela pandemia do Covid-19, os efeitos sociais e econômicos são significativamente danosos a esse público.

Neste sentido, o presente boletim objetiva avaliar a percepção de pescadores sobre os efeitos da Covid-19 sobre a pesca artesanal. A pesquisa foi realizada durante a pandemia de forma *on-line* (Google Forms) e respondida por intermédio de aplicativos de celulares em redes sociais com orientação parcial dos monitores pesqueiros.

A pesquisa foi realizada entre julho e novembro de 2020 em nove municípios/comunidades diferentes no Tocantins e no Pará. (Tabela 1).

Além da comunidade, as perguntas contidas no questionário identificaram: o gênero dos participantes; se a pandemia afetou a pesca e como; e se a quantidade de peixes no rio aumentou ou não.

Além do formulário, foram promovidas escutas por meio de aplicativo de celular para saber como estava a situação nas comunidades, tanto em relação à saúde dos pescadores, como à atividade de pesca e à comercialização do pescado. Por fim, foram selecionados alguns depoimentos de pescadores para ilustrar a situação da pandemia em algumas comunidades. No questionário, não foi solicitada a identificação dos pescadores.

Tabela 1. Número de respondentes por comunidade/município.

Comunidade/Município	N de respondentes
São Geraldo do Araguaia-PA	18
Xambioá-TO	18
Couto Magalhães-TO	17
Esperantina-TO	17
Vavazão, São Félix e Tacho (Marabá-PA)	14
Comunidades do entorno do Pedral do Lourenção-PA	10
Apinagés (São João do Araguaia-PA)	2
Araguacema-TO	1
Santa Cruz (São Geraldo)-PA	1
Total	98

Com relação ao número de pescadores entrevistados (98), representa aproximadamente 14% da população pesqueira monitorada pelo PROPESCA no Tocantins e no Pará juntas (cerca de 700 pescadores no total). São Geraldo do Araguaia-PA e Xambioá-TO responderam mais questionários, com 18 cada, enquanto Araguacema-TO e Santa Cruz-PA responderam apenas 1 questionário cada.

O baixo número de respostas ao questionário pode ser justificado pelo pouco acesso, por parte dos pescadores, à tecnologia de preenchimento *on-line*. Mesmo entre os que têm aparelhos móveis com acesso a aplicativos para responder à pesquisa, são poucos os que dominam a tecnologia, devido principalmente à baixa escolaridade. O fato de o questionário ter sido aplicado em momentos críticos da pandemia não possibilitou, em alguns casos, a orientação direta dos monitores locais aos pescadores.

Com relação ao gênero, 57% dos respondentes são homens e 43% mulheres (Figura 1). Vale lembrar que a pesca na região possui uma característica marcante por ser exercida tanto por homens quanto pelas mulheres, dividindo igualmente as atividades de captura, beneficiamento e comercialização do pescado.

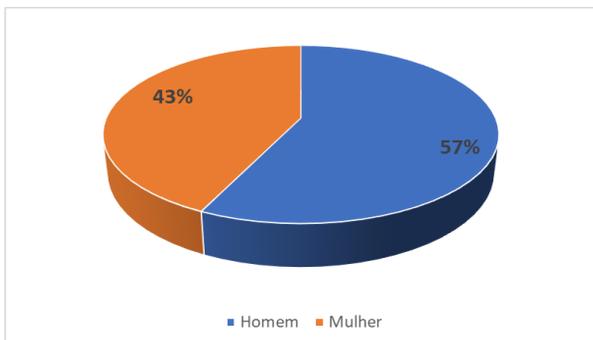


Figura 1. Proporção dos respondentes por gênero.

Ao se perguntar aos pescadores o quanto a pandemia afetou a pesca, mais da metade (54%) citaram que afetou muito (Figura 2), 29% moderadamente e apenas 17% dos pescadores alegaram que a pesca foi pouco afetada. Para boa parte dos pescadores, a atividade é a única exercida economicamente, e geralmente é praticada em regime de parceria (nem sempre com pessoas da mesma família). O isolamento social de alguma forma interferiu na relação de trabalho entre pessoas de famílias distintas, seja para evitar o contágio (famílias em quarentena), seja para evitar possíveis exposições à Covid-19.

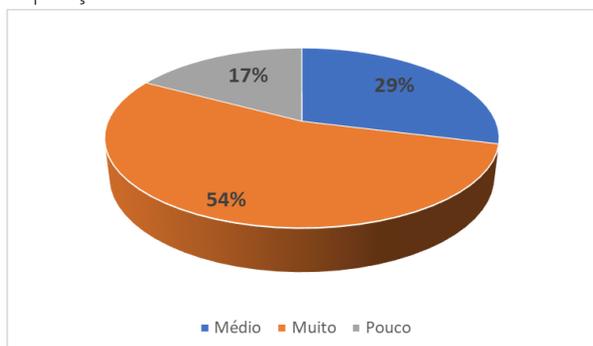


Figura 2. Percepção dos pescadores sobre o quanto a pandemia afetou a pesca.

Considerando o impacto da pandemia na comercialização do pescado, 47% responderam que não deixaram de vender o peixe capturado durante a pandemia; no entanto, para 35% dos entrevistados a pandemia atrapalhou a comercialização e 18% disseram que a pesca neste período foi só para consumo (Figura 3).

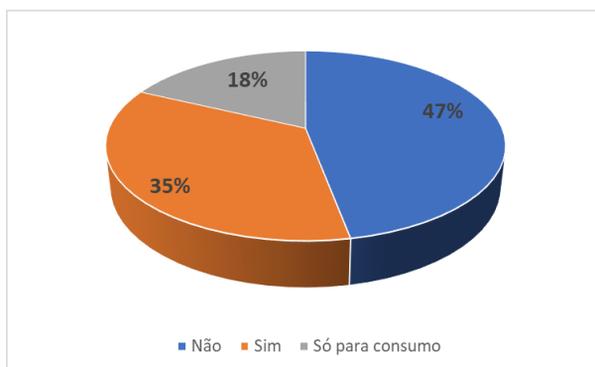


Figura 3. Percepção dos pescadores sobre o impacto da pandemia na venda do pescado.

Uma das estratégias de comercialização adotada pelos pescadores foi a venda para atravessadores, pois assim evitavam de sair da comunidade. No entanto, esta dinâmica teve impacto na renda, uma vez que o comprador de peixe é que determina o valor a ser cobrado, muitas vezes sendo este valor inferior ao que costumeiramente estavam habituados a comercializar a produção. Outra estratégia foi a venda dentro da própria comunidade; tendo em vista que a maior parte das pessoas não saíam para as cidades próximas, a proteína proveniente do pescado foi demandada internamente.

Ainda, a comercialização foi afetada também no que diz respeito às feiras livres (locais de aglomeração), bastante comuns e tradicionais nesses municípios. Neste sentido, a comercialização foi feita, em grande parte, pela compra e entrega direta nas residências dos pescadores/consumidores, porém sem orientação técnica para este novo processo de comercialização (vendas por aplicativo, orientações sanitárias, transporte adequado de peixe etc.). Este processo deve ser pensado/planejado junto às comunidades para abranger um maior número de compradores/consumidores e ser adaptável para cada situação/contexto.

Analisando a percepção dos pescadores sobre a quantidade de pescado no rio, ou seja, no ambiente de pesca, a maioria (58%) respondeu que a pandemia não afetou a quantidade de peixes, 32% observaram diminuição da produção neste período e 10% não souberam dizer (Figura 4).

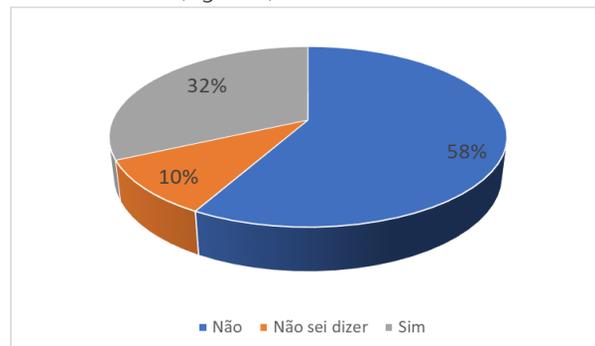


Figura 4. Percepção dos pescadores sobre o impacto da pandemia na quantidade de peixes no rio.

A diminuição da quantidade de pescado foi relacionada à grande quantidade de pessoas que deixaram os núcleos urbanos e formaram acampamentos ao longo dos rios, principalmente nos meses de julho e agosto, como uma forma de fugir da contaminação pelo novo coronavírus.

A grande quantidade de pessoas de fora aumentou a movimentação de embarcações, somado, muitas lanternas e holofotes durante a noite e a pesca de forma desordenada, afetando diretamente o pescador local, além de expor os pescadores e suas comunidades à contaminação por Covid-19, como bem relata um dos pescadores: "... a gente evita de ir na cidade, mas os da cidade não evita de vir ao rio".

Houve uma redução na captura de peixes no período mais crítico da pandemia, principalmente com as medidas de isolamento social impostas por estados e municípios. Paralelamente, estes municípios foram beneficiados pelo auxílio emergencial do Governo Federal, permitindo que os pescadores paralisassem temporariamente suas pescarias.

Porém, pela dificuldade de alguns em acessarem o benefício, a pesca continuou sendo realizada. Com a redução da quantidade de pescadores no rio, era de se esperar o que foi percebido pelos pescadores, ou seja, a não redução da quantidade de peixes durante a pandemia.

Por fim, é importante conhecer a percepção dos pescadores para que possamos compreender melhor a relação entre o homem e o ambiente, suas expectativas, satisfações e insatisfações, julgamentos e condutas no período da pandemia do Covid-19.

Neste sentido, visando a valorizar a participação dos pescadores na pesquisa, foram selecionados alguns depoimentos, na íntegra, que puderam trazer um pouco do sentimento dos pescadores neste período de dificuldades. Vale lembrar ainda a importância do trabalho dos monitores pesqueiros do Propesca nas comunidades, que vai além do registro das pescarias, sendo muitas vezes o suporte técnico e emocional dos pescadores no combate à pandemia.

"Olha estamos com dificuldade de vender o peixe porque não pode sair para vender. Está tudo caro e muito difícil. Também parou tudo."

"Nas nossas comunidades no entorno do pedral do Lourenção estamos com medo pois temos muitos idosos e crianças. Sabemos que o Coronavírus chegou em nossas comunidades mesmo sendo poucos casos positivos, mas chegou. Estamos tomando todos os cuidados necessários para nos proteger desse vírus, mas estamos com medo".

"Nesse momento de pandemia precisamos de ajuda pra valorização do pescado".

"A venda diminuiu pois o povo evita sair de casa e nem gosta de receber ninguém em suas casas".

"Parabenizo os monitores por estar sempre presente quando nós precisamos"

"Depois que começaram a fiscalizar no Tocantins, os peixes aumentaram, os rios ficaram com mais aumento de peixe, melhorou mais para gente pescar graças a Deus e a fiscalização"

"Pessoas que frequentam o rio, e não são pescadores vamos se conscientizar, com essa pandemia, a gente evita de ir na cidade, mas os da cidade não evita de vir ao rio".

Espera-se que esse informativo possa contribuir na sensibilização de gestores locais/municipais/estaduais sobre os efeitos da pandemia nas comunidades pesqueiras e sobre a cadeia produtiva da pesca artesanal, de modo que possa contribuir para a formulação e ajustes de melhores políticas públicas voltadas a este público, tanto em relação ao atendimento em saúde como para garantia da comercialização do pescado.



Foto: Cristiane Cunha

Figura 5. Abordagem dos monitores nas comunidades do Pará.



Foto: Onivaldo Rocha

Figura 6. Abordagem dos monitores no Tocantins.

Editora e responsável pelo conteúdo

Embrapa Pesca e Aquicultura

Palmas, TO

www.embrapa.br/pesca-e-aquicultura

www.embrapa.br/fale-conosco/sac

Publicação digital - PDF

Contatos Propesca

Coordenação Tocantins

Onivaldo Rocha - Coopter

(63) 98461-3552

Coordenação Pará

Cristiane Cunha - Unifesspa

(94) 98150-6490

Coordenação-Geral

Adriano Prysthon - Embrapa

(63) 98137-3533

Consultor estatístico

Aristides P. Lima-Green

Parceria



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO

